1.º anno — Lisboa, 4 de maio de 1885 — Numero 45

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Os politicos d'esta boa terra portugueza, gafados d'anemia e sentindo o seu organismo gasto pela doença do seculo, desentranham-se agora a pedir *vida nova*, como quem pede pão para a bocca, sangue para as veias, alimento para o estomago.

Pelo geito, os velhos processos da nossa politica decadente

UM CONCERTO CLASSICO

começam a desagradar-lhes. A reacção fervilha já entre os que se julgam menos contaminados pela grangrena curruptora. Ouvem-se uns protestos vagos; presente-se um desejo palpitante de pôr barreiras ao alastramento da lepra; principia a fazer-se luz nas trevas densas onde tripudiava a mentira ignobil.

A imprensa parece querer entrar n'um periodo de franqueza rude e sã, engeitando certas responsabilidades peccaminosas, que a tornavam odienta.

Vae-se começando a fallar claro ao paiz ingenuo. Nas forjas do embuste, d'onde os nescios sahiam mascarados de sabios, quebram-se pouco a pouco as ferramentas com que se fabricavam os politicos insignificantes de meia escudella. O *modus vivendi* passado vae-se aclarando dia a dia, com o seu cortejo de despeitos insoffridos, de ambições injustificadas e incommensuraveis, de egoismos enormes, de sentimentos baixos e vis.

Dizem-se já, em todos os campos, verdades nuas e cruas, custem ellas a quem custarem. Ha queixas amargas suscitadas por uma irritação profunda; desabafos que resaltam com impeto das gazetas, como a rolha d'uma garrafa de *Champagne*.

Isso que para ahi se chamava disciplina partidaria, e que servia para amordaçar os bons em proveito dos exploradores, produzindo toda a casta de humilhações e de vergonhas, deixou de ser o papão terrorista, perante o qual a dignidade emmudecia, os orgulhos offendidos não verberavam um só protesto, as consciencias honestas e limpas não tinham animo para alimentar uma revolta.

Alijando de si o pezo da tal disciplina criminosa, vemos espiritos sãos que começam a pronunciar-se contra a decadencia da moderna politica militante: a dizer em publico e razo como se fazem as maiorias e as *claques* ministeriaes: a pôr em evidencia a imbecilidade d'uns alcaiotes que se arvoram em deputados e d'uns deputados que se transformam em alcaiotes para pagar a candidatura recebida.

Mercê d'este desassombro digno, sabe-se que ha, em volta dos ministros, quem tenha por unica missão levar e trazer recados, andando sempre em rodopio por todas as sessões de todas as legislaturas.

Graças á franqueza d'estas declarações—um estudo completo e perfeito *d'apres nature*,—a gente começa a conhecer outros que exploram o favor recebido, tirando d'esse obsequio titulo para mais e mais exigencias, alguns, que decretam apotheoses theatraes aos governos, como a *claque* a quem se dá entrada gratuita nas casas de espectaculo, e muitos—o maior numero talvez— que nem chegam a grunhir o apoiado, pois que não possuem completas e acabadas as articulações da voz.» Uns gorilhas.

Estes diversos elementos constituem—segundo a phrase conceituosa d'um jornalista *d'élite*—uma quadrilha que serve para a politica, como d'antes podia servir para as estradas.

E é com tal gente que se governa, que se fazem e refundem as leis, que se remodela a organisação da nossa sociedade. E é d'este amalgama nojento que se forma a familia politica portugueza. E é isto, finalmente, o que para ahi se impõe, de quando em quando, ao suffragio popular, afagado pelos arminhos flaccidos da governança!

Que profunda decadencia, com effeito, e como nós começamos a achar rasão aos que a deploram pedindo *vida nova*.

Virá ella, n'um praso curto, restaurar as nossas forças perdidas? Duvidamol-o. O mal é fundo: vem de muito longe, e precisa, conseguintemente, de muito cauterio. Quando o enfermo está ás portas da morte, não é facil imprimir-lhe alento e vida.

Será o que Deus quizer, mas oxalá que Deus o queira, e que o doente não morra da cura.

E emquanto uns jornalistas honrados tratam de pôr em evidencia esta gangrena putrida, no parlamento discute-se o artigo do projecto revisionista referente á camara dos pares, e o contracto do telegrapho submarino para a Africa.

Um deputado juiz puxa a braza á sua sardinha, e quer por força que os juizes sejam pares: outro deputado ecclesiastico, trabalhando *pro domo sua*, pretende que os bispos das ilhas tenham ingresso no senado. Uns pedem cincoenta pares de nomeação regia, cincoenta electivos, e varios pares de direito proprio. Outros detestam o direito proprio e acham que metade da camara alta deve ser electiva. Este faz constituir o seu ideal n'uma camara toda nomeada pela corôa e que se renove quando cheirar mal, como os quartos onde dorme muita gente junta. Aquelle entende que dois terços dos pares devem ser electivos.

Nenhum quer a mesma coisa, e cada qual advoga os seus interesses, em longas tiradas de prosa mais ou menos patusca, podendo-se-lhe applicar este hemistichio de Racine:

«Vraiment il plaide bien.»

Na discussão do cabo submarino degladiaram-se, em redondilhas sonoras, dois poetas da mesma familia politica—um que foi ministro da marinha e escreveu o *D. Jayme*, e outro que o é ainda e burilou o *Poema da Mocidade*. A *Judia*, rabina dos quatro costados, arrenegou-se com a *Morgadinha de Valflor*, e accusou-a d'entreter amores illicitos com um conde polaco de fidalguia problematica. O Luiz Alvares, representado na pessoa do sr. Francisco Costa, correu em defeza da gentil fidalguinha ministerial, e defendeu-a contra as accusações do sr. Thomaz Ribeiro, recitando por fim, á camara somnolenta, os dois versos do estylo:

> O' nunca sonhes que assim foste amada.
> O' nunca saibas que morri d'amor!

O *Morgado* da peça, incarnado na pessoa do sr. Barros e Sá—outro rabino - disse duas coisas em prosa, mas o contracto approvou-se.

—Eu tenho-me alongado demasiadamente pelas vielas angulosas da politica, bem sei, mas isto succede uma vez por anno. De resto, não te hei de estar sempre a dizer que a primavera apparece e desapparece, que acabaram as *soirées* das quartas-feiras em casa dos srs. duques de Palmella, que o tenor De Bassini foi agraciado com o habito de Christo, que fechou S. Carlos, e que a sr.ª D. Guiomar Torrezão flana ainda alegremente pela capital da republica franceza. E' preciso, de quando em quando, orientar-te no meio politico onde vives, desfazer umas idéas falsas que o teu espirito ingenuo abriga, a respeito de varios insignificantes mais ou menos citados no *Diario das Camaras*. Provavelmente ainda has de ser eleitora um dia, e eu não quero que dês o teu votoá quelles imbecis...

—Continua a affirmar-se que a Inglaterra e a Russia jogarão as cristas.

A proposito d'essa lucta gigante, correu ahi o boato de que a nossa fiel alliada reclamára do governo portuguez uma divisão de 12:000 homens, commandada pela fina flor dos generaes indigenas.

Supponho que rebentasse a guerra, que a Gran-Bretanha tivesse direitos para exigir o nosso auxilio, e que nós podessemos dispor de doze mil guerreiros, assim de pé para a mão, como quem dispõe d'um pataco, sabes tu qual era a fina flor do generalato que ahi tinhamos, para enviar aos inglezes?

Eu te digo.

O mais novo e fresco dos nossos quarenta e seis generaes, completou 74 primaveras: e as edades de todos elles, sommadas, attinge a bonita cifra de 3:270 annos. Dividindo esta somma por 46, encontrarás em quociente, salvo o erro, 71,08 do anno.

Já vês, por esta logica dos algarismos, que era caso para dizer á Inglaterra:—fica-te lá com Bombaim e Tanger, leva-nos a Madeira, se quizeres, mas deixa-nos, ao menos, as reliquias venerandas dos nossos queridos generaes!

- Fechou definitivamente S. Carlos, com uma festa de Caridade iniciada pela Rainha. Foram as notas harmoniosissimas da *Carmen* as ultimas que vibraram n'aquella sala brilhante. Assim devia ser.

Depois da musica de Bizet, teremos ali, por alguns dias, as empalmações e os passes artisticos do Hermann, um escamoteador *di cartello*. Em vez de *romanzas* e bailados, prestidigitação e phisica recreativa. Para o anno, ouviremos a *Herodiade* de Massenet e a *Gioconda* de Ponchielli. Está promettido, e Valdez não é homem que falte ás suas promessas. Se elle até teve artes para convencer a Borghi Mamo a vir cá, depois de casada, mesmo em riscos de ter de escripturar o marido e de ouvir choramigar, entre bastidores, a prole da *diva*, chuchando no *biberon*...

Emquanto a Borghi não chega, com o seu *bébé* loiro e anafado suspenso dos seios uberrimos, vamos ver o Hermann; binocular a filha: assistir á brilhantissima tourada de domingo, que um aguaceiro inesprado retardou: ouvir os *Huguenotes* no Colyseu, e aspirar o perfume das rosas na exposição da Trindade, uma exposição encantadora, que deslumbra os olhos e afaga suavemente o olfacto.

Os politicos que continuem a pedir *vida nova*. Nós vamos pedindo festas ao maio formoso, e deliciando a pituitaria com o aroma inebriante das flores gentis.

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

XVIII

São verdadeiramente interessantes os capitulos do livro do sr. Gomes de Amorim, que se referem á vida de Garrett entre a revolução da Maria da Fonte e a Regeneração. Foi n'essa epoca que se accendeu na sua alma a ultima e a mais dominadora paixão da sua vida, a paixão que lhe inspirou as *Folhas caidas*. Na nossa terra, onde é uso procurar sempre de preferencia os lados fracos dos grandes homens para se lançar sobre elles o ridiculo que os approxime do resto da humanidade, esta paixão, que bro-

tou aos cincoenta annos, foi sempre considerada como um dos grandes ridiculos de Garrett. Comtudo, parece-me que a pessoa mais competente para apreciar o ridiculo do poeta era a mulher amada, e, se ella realmente o amou, como tudo parece indical-o, se mais se enlevou na mocidade d'aquelle brilhantissimo espirito do que na juventude embonecada, fatua e insulsa dos dandys que a requestavam, não iremos nós ser mais papistas do que o papa, e ridiculisar um amor que deu ao outono do poeta as galas renovadas da sua mocidade.

Eu por mim confesso: quando, ha dois annos, no Estoril, vi *estes sitios queridos*, a que o poeta allude, e que descreve de modo que não precisamos de *cicerone* para os encontrar, evoquei na minha imaginação a scena idyllica, em que a formosa musa dos ultimos amores se debruçava sobre o seu poeta querido, e lhe escutava as magicas endeixas. E, se pensei nos cabellos negros d'essa mulher amada, não me lembrei nem por sombras do chinó do poeta, como, ao pensar-se em Sophia Mounier, ninguem se lembra da cara bexigosa de Mirabeau, nem o acha ridiculo porque amou e foi amado, apesar da sua physionomia horrenda, por uma doce e formosissima menina.

Se Sophia Mounier mais se enlevava na palavra ardente do seu apaixonado amador do que na formosura apollinea de uns bonifrates quaesquer, que admira que a rosa das *Folhas caidas* julgasse preferivel á bocca fresca e vermelha de um insignificante de vinte e cinco annos, a voz de poeta que lhe murmurava versos como estes:

Quem bebe, rosa, o perfume
Que do teu seio respira?
Um anjo, um sylpho, ou que nume
Com esse aroma delira?

Qual é o deus, que namorado
Do seu throno te ajoelha,
E o teu nectar encantado
Bebe occulto, humilde abelha?

Ninguem? Mentiste. Em frente,
Em languidez inclinada,
Quem t'a poz assim pendente?
Dize, rosa namorada?

E a côr de purpura viva
Quem assim t'a desmaiou?
E essa pallidez lasciva
Nas folhas quem t'a pintou?

Os espinhos, que tão duros
Tinhas na rama lustrosa,
Com que magos esconjuros
T'os desarmaram, oh rosa?

E porque na hastea pendida
Tremes tanto ao pôr do sol?
Porque escutas, tão rendida,
O canto do rouxinol?

Que eu não ouvi um suspiro
Sussurrar-te na folhagem?
Nas aguas do teu retiro
Não espreitei tua imagem?

Não a vi afflicta, anciada?
Era de prazer, ou dôr?
Mentiste, rosa, és amada,
E tambem tu amas, flor.

Mas ah! se não fôr um nume
O que em teu seio delira,
Ha de matal-o o perfume
Que em tuas folhas respira.

Nem sei se está exacta a transcripção. Cito de cór. Fui-me deixando arrastar pelo prazer de modular esses versos, os mais sublimes que uma voz namorada murmurou ao ouvido de uma mulher.

Tinha cincoenta annos? Talvez. Estes versos teem vinte.

Pobre Garrett! Os mesmos, que acham olympicos e sublimes os amores de Goethe sexagenario, cobriram de ridiculo a sua paixão outoniça, e as *Folhas caidas*, parodiadas, deram origem a varios folhetos, em que mais ou menos espirituosamente se escarnecia da idade do poeta: *Rosa de amor*, dizia um e incontestavelmente com graça:

Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
(Purpurea e bella aqui, já vês, são cunhas)
Quem podéra dizer: Rosa amarella,
Onde está o carmim que d'antes punhas?
Porém, se eu te descubro estas mazellas,
E's capaz de deitar-me á cara as unhas,
E, engrifando-te em mim, sem dór nem dó,
Arrancar-me os cabellos e o chinó.

Rosa amarella, pois, não vou chamar-te!
Respeite-se o amor proprio, ó minha amada!
Mas, presa ao carro triumphal de Marte,
Immortal te farei, flor desbotada.

E continuava assim em varios trechos implacaveis, até acabar com esta oitava parodiada dos *Lusiadas*:

As filhas da Cath'rina em casa escura
Estas borras, chorando, memoraram,
E, por memoria eterna, em banha dura
A manteiga do cerdo transformaram.
Choros mil no Loreto em agua pura
Do throno de Neptuno repuxaram.
Carpiram Rosas, Brancas e Catões
E por um olho só chorou Camões.

Alguns episodios d'esses amores são realmente engraçados. Garrett foi residir na Ajuda, para ficar mais proximo do sitio onde podia encontrar-se com a sua musa. Saía a passeio com Herculano, unicamente com o fim de encontrar na estrada de Pedrouços um carrinho que parava apenas o cocheiro os via, e que conduzia Venus, diremos mythologicamente, apesar de ser tirado por dois normandos, em vez de o ser pelas duas pombas legendarias. Herculano esperava a distancia, e estamos d'aqui a ver a furia reprezada do grande historiador, que foi velho aos vinte e cinco annos, em quanto Garrett era rapaz aos cincoenta, que nunca amou com verdadeiro e intenso amor senão a condessa Mumadona, que viveu no seculo X, e cujo testamento é uma fonte preciosa de noticias historicas. Terminada a conferencia, voltava Garrett a dar o braço a Herculano, que o dava a todos os diabos do inferno.

Herculano e Garrett nunca se podiam dar muito bem. Admiravam-se sinceramente, mas era impossivel que fossem amigos. Havia entre elles incompatibilidade de genios. Garrett gostava de viscondados e de grã-cruzes, Herculano odiava tudo isso. Garrett era um elegante, requestado e requestador nas salas, Herculano não estava bem senão em sua casa, rodeiado de uns poucos de amigos. Por isso, tambem, Herculano de vez em quando fazia explosão. Uma vez foi na famosa discordia ácerca da propriedade litteraria. Outra vez foi nas *Cartas da Estremadura*, em que se está a sentir a furia reprezada dos passeios a Pedrouços, e o *agacement* que lhe fazia nos nervos a vaidade inexplicavel de Garrett:

«Pobre author, dizia Herculano (e tambem cito de côr porque as prosas de Herculano e os versos de Garrett que li na adolescencia nunca mais me saíram da memoria), pobre author a quem por ahi calumniaram e insultaram com o titulo de visconde! O grande poeta não o merecia! Camões morreu no hospital, e o author de *Fr. Luiz de Sousa* e de *D. Branca* morrerá com essa hedionda alcunha atada ao seu nome. Dar pão ao genio, trajando-lhe o sambenito, equivale a fazel-o expirar de fome. Os homens, que se chamam Camões ou Garrett e que se elevam tanto acima dos seus contemporaneos, mereciam que os não fizessem passar pela craveira dos agiotas, dos galopins politicos e dos saltimbancos eleitoraes. Estes governichos de Portugal serão por ventura eternamente incorrigiveis?»

Garrett não devia gostar d'este modo de lhe prestar homenagem, como se enfureceu, segundo conta o sr. Gomes de Amorim, quando leu um artigo, em que o sr. Mendes Leal dizia que Herculano era a força e Garrett a graça. Por mais que o sr. Mendes Leal procurasse pôr em relevo o merito da graça, *plus belle encore que la beauté*, Herculano ficava sempre em primeiro logar. Dir-se-hia que o genio de Garrett saíra de uma costella do genio de Herculano, e essa genese não agradou nem por sombras ao grande poeta. Mostrava-se mais uma vez a incompatibilidade em que fallei.

Não sabia que Garrett residira na Cruz Quebrada, e é com mais veneração que irei respirar os ares d'aquelle sitio encantador, onde de certo em grande parte se escreveram as *Folhas caidas*, que irei espraiar os olhos por essas paisagens que descreve de forma que bem se vê que volteiava por diante d'elle com os seus prismas côr de rosa o doce vulto de um amor feliz. E Carnaxide, sobretudo, tem tido a felicidade de apanhar poetas em boas disposições de espirito: por isso gosa de uma reputação superior ao seu merecimento. Garrett vio a ribeira de Jamor atravez do veu côr de rosa de uma encantadora andaluza, e Thomaz Ribeiro lá está vendo Carnaxide com os olhos cheios da luz com que lh'os illuminam os mais intimos affectos, e sobretudo os candidissimos reflexos do olhar ingenuo e doce de uma encantadora filhinha.

E Carnaxide vai aproveitando! D'aqui a pouco tem a reputação de ser o valle de Tempe da Europa occidental.

PINHEIRO CHAGAS.

PRIMEIRA LAGRIMA

Eu disse que te amava, e conseguiste
Matar o meu amor, cynicamente;
E viste-me chorar; então sómente
Olhaste com desdem, passaste e riste.

COMO ELLE É GENTIL!

JOGANDO A CABRA-CEGA

SAVONAROLA PRÉGANDO CONTRA O LUXO, EM ROMA

Outro te amou, mais outro... e não sentiste
A sombra d'um affecto. Simplesmente
Ao desfolhar-se uma illusão tremente
Olhaste com desdem, passaste... e riste!

Veio do tempo a fria mão de gêlo;
Pôz um cabello branco em teu cabello,
E quando, finalmente, o divisaste,

Olhaste em volta—o espaço era vazio;
Palpaste o peito—achaste o peito frio.
Eras bem só, mulher! Então choraste!

ACCACIO PAIVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

UM CONCERTO CLASSICO

Passou-se isto em tempos que já lá vão.

Aquelles seis *virtuoses* reuniam-se todas as noites para ensaiarem musicas classicas. Compunha-se a *troupe* de dois violinos, uma flauta, um cornetim, um clarinete e uma harpa. Os instrumentos eram bons, mas os instrumentistas detestaveis, principalmente o do cornetim, que desafinava como um possesso.

Conta-me o meu avô que nunca passaram d'ensaios e nunca ficaram bem ensaiados para tocar em publico. Faziam concertos em familia, que desandavam sempre n'um charivari infernal, por causa do homem do cornetim.

As gazetas d'aquella epoca não fallaram d'elles.

COMO ELLE É GENTIL!

Adivinha-se nos labios d'ella a musica d'esta phrase harmoniosissima, que rescende as doces fragrancias d'um amor ideal e romanesco.

Vê-o passar, a elle, ao feliz namorado, e os olhos vão-se-lhe na gentileza do seu porte, na elegancia do seu *frack*, na distincção das suas maneiras.

Espreitando-o a furto, por dentro da janella, e mostrando-lhe, n'um sorriso apaixonado, a alvura dos seus dentes magnificos, a formosa viscondessinha repete muitas vezes, de si para comsigo, aquella phrase cheia de harmonias:—Como elle é gentil!

E d'ahi, pode ser que não seja. Quem o feio ama, bonito lhe parece.

SAVONAROLA PRÉGANDO CONTRA O LUXO, EM ROMA

Girolamo-Maria-Francesco-Matteo-Savonarola nasceu em Ferrara, no anno 1452; teve uma educação esmerada, e deu, desde muito novo, sobejos testemunhos d'uma piedade mystica.

Em 1475 abandonou a casa paterna, para entrar no convento dos frades dominicos de Bolonha, onde professou um anno depois. Em 1482 foi enviado a Florença para prégar e instruir os noviços.

Contristado pelas dissensões d'Italia, fez prégações mysticas em Brescia, no anno 1846, e depois em Bolonha, Pavia, Genova e Florença. A sua palavra eloquente attrahia a multidão. Savonarola annunciava aos ouvintes que Deus castigaria a Italia.

Ameaçado com o desterro, começou a prégar a reforma dos costumes, principiando as suas prédicas no convento dos dominicos de S. Marcos; submetteu os frades d'aquelle convento, dos quaes foi depois vigario geral, e annunciou a chegada dos francezes. Expulsos os Medicis, encarregaram-n'o de dar uma constituição a Florença. Savonarola organisou um poder quasi democratico, com Jesus Christo por soberano. Dispondo d'um poder illimitado, quiz, para reformar os costumes, proscrever os jogos, as mascaradas, os prazeres, o luxo, e até mesmo as lettras e as artes, que tinham feito de Florença uma cidade pagã. Mandou queimar as joias e as *toilettes* luxuosas, as estatuas, as obras de Petrarcha e de Boccacio, e encarregou as creanças de velarem pelos costumes publicos. Os grandes senhores protestaram contra estas reformas exaggeradas, e Alexandre VI, cuja conducta elle havia censurado, negou-lhe o direito de prégar e lançou-lhe a excommunhão. Passava-se isto em 1497. Savonarola pediu aos principes a reunião d'um concilio geral que destronasse o Papa, mas foi de novo excommungado.

O povo começou por esta epoca a duvidar do seu propheta, e exigiu-lhe milagres. Como elle os não fizesse, o prestigio de Savonarola acabou. As massas populares, desilludidas, foram ao convento de S. Marcos, prenderam Savonarola, e condemnaram-o ao supplicio da fogueira, com mais dois companheiros.

Os seus partidarios foram perseguidos, até ao dia em que Florença, arrependida, o venerou como martyr.

Savonarola não foi um eretico, mas um illuminado: inimigo da Renascença, julgava-se propheta, e queria, antes de tudo, reformar os costumes, tendo por ideal uma especie de monarchia religiosa.

Como orador, foi apaixonado e original, mas não tinha arte. Como escriptor, não passou d'uma mediocridade.

A nossa gravura representa-o prégando contra o luxo e os prazeres mundanos, em Roma.

JOGANDO A CABRA-CEGA

O pobre rapaz vê-se grego. Nem menos de cinco moçoilas endiabradas a fazerem-lhe negaças, e elle, o desgraçado, d'olhos vendados e cabeça estonteada, sem conseguir apanhar uma só das do rancho!

Ellas a furtarem-lhe o corpo, em mil voltas ligeiras de passarinhos saltitantes, e elle, o pacovio, a fazer uma figura tristissima, no meio d'aquelles cinco vivos demonios anafados e roliços.

Tambem, se chega a deitar-lhes a mão, tem muito por onde se agarrar...

CIDADE DA HORTA

Das tres cidades açorianas, a Horta é, por sem duvida, a que mais bello panorama apresenta aos olhos do viajante que chega ao seu porto. Está edificada na reintrancia de uma espaçosa e magnifica bahia, tendo aos pés uma bonita praia, e formando um perfeito amphitheatro.

As casas e campanarios, destacando-se por entre jardins, pomares e massiços de arvoredo, completam o quadro, que é realçado pela vista das paizagens da Ilha de S. Jorge, que lhe fica a um lado, e pela magestade do enorme gigante do Pico, que defronta com a Horta.

O interior da cidade é regular, mas estreito e tortuoso, e não prima pelos seus edificios.

Tem comtudo boas casas, apalaçadas algumas, e regulares egrejas; um passeio publico, um theatro, asylos, misericordia, assembléas, e um bom hotel estrangeiro.

Conta a cidade da Horta cerca de 8:000 habitantes, e 1:700 fogos.

A beneficencia publica tem uma misericordia, um asylo d'infancia desvalida, e um asylo de mendicidade. A particular é exercida em larga escala.

A industria que ali ha é de bordados brancos e de palha e fita, relevos de medula de figueira, chapeus de palha, e objectos de vime, e colxas de lã e linho.

Avulta tambem a pesca da baleia, havendo sociedades para esse fim, importantes hoje.

A importancia da cidade da Horta está na excellencia do seu porto, assaz seguro, e em posição geographica que o torna preferivel a todos os outros. Na sua bahia veem-se constantemente navios de todas as nações, mercantes e de guerra, das maiores dimensões, e as vezes esquadras.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

Os originaes enviados a esta redacção, não serão devolvidos, embora por qualquer circumstancia se não publiquem.

*

Continuamos a pedir aos nossos estimados leitores a fineza de sustarem as suas continuas remessas de charadas *novissimas*, affirmando-lhes que receberemos de bom grado outro genero de composições.

*

Toda a correspondencia relativa a assumptos de redacção, deve ser subscriptada para *Tom Pouce*.

PEQUENA CORRESPONDENCIA

D. V.—Braga.—A empreza manda fazer as encadernações para os assignantes que as requisitarem. A seu tempo seremos mais explicitos.

ASTURIANO.—Leiria.—D'esta vez não se perdeu n'um *mare magnum* de papeis, mas succedeu-lhe cousa peior:—veio sem a decifração. Como vê, a culpa, agora, não foi nossa.

A. B. S.—Armamar.—Remettemos n'esta data o n.º 34 que requisitou em tempo.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Ha na terra grande immensidade d'arvores—1—1.

Verte sangue da orelha do burro—2—1.

No oceano ha um peixe, mas que peixe!—1—3.

Procura este animal no Nilo—2—2.

Faro. PAPUÇA.

Este signal e esta sciencia faz parte d'outra sciencia—2—3.

M. DO LIVRAMENTO PERES.

Nos fogueteiros tem agua e canta—2—2.

Braga. A. VIEGAS.

Sente-se, sente-se e sente-se—1—1.

ANTONIO MARIA DO REGO.

EM VERSO

D'uma nota sou metade—1
Muitas notas, sim senhor.—2
Que estou na mythologia
Podes crel-o, meu leitor.

Do meu todo esta primeira
Com certa lettra é um numero.—1
Segunda... —que brincadeira!—
E' da mesma forma um numero—1

Bonito!... Vem a terceira
Que tambem nos diz ser... numero—1
E p'ra cum'lo, a derradeira
Grita que é parte do numero!—1

O conceito d'isto tudo
Eu vou dar sem mais canceira:
Como este existiam dez:
Que tal é a brincadeira?...

J. A. D.

Esta sustenta—2
Um animal—1
Que tem valor:
Não sabes qual?

CURIOSO.

EM QUADRO

— — — Villa
— — — Viila
— — — Villa

Coimbra. ABRUNHOSA.

LOGOGRIPHO

Aos leitores narrar vou
(e peço toda a attenção)
um conto de sensação
que minha avó me contou:

«No sec'lo oitavo viveu
este rabino judeu.—2—3—9—3—6
«Foi cel'bre na poesia,
e tambem na astronomia.—11—3—8—2—3—6
«Foi poeta celebrado,
ninguem o ha duvidado.—9—1—2—5
«Tambem foi muito orgulhoso,
e dos judeus odioso.—2—1—9—3
«Sua irmã elle adorou:
em seguida a ultrajou.—2—1—3—6—3
«Tambem foi deus adorado,
e no Egypto festejado.»—9—3—6—4—5

Eis, em menos d'uma hora,
o conto da avó Theodora.
Conceito? P'ra esse então
peço toda a attenção:
Além d'outra coisa ser,
é ave, quer-me parecer.

AJAX.

ENIGMA

(A Arthur Gomes da Costa)

Vês setima egual á tercia
E a quinta egual á prima,
Se dividires em lettras
Este enigma, posto em rima.

São eguaes segunda e quarta,
Sexta e oitava tambem,
E estas eguaes áquellas.
Leitor examina bem.

Se dividires em syllabas,
Vês eguaes prima e terceira:
Segunda e quarta tambem
Não cuides que é brincadeira.

Onde estou, vês prima ou tercia:
E primeira mais segunda,
Ou terceira mais a quarta,
Cousa que na terra abunda.

Depois de tanta egualdade,
Que estou farto de fazer,
Dir-te-hei: que no conceito
Um falcão haveis de ver.

CUSTODIO SILVA.

PROBLEMA

Achar dois numeros, cuja somma seja egual ao producto e ao quociente dos ditos numeros.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Borracha—Rubicão - Chicorea — Grosador—Dadiva—Variola—Bem-te-vi—

A p o d A
p A r A r
o r A t e
d A t A i
A r e i A

DO ACROSTICO GEOGRAPHICO:—

A ppenze L
T arent O
H untingdo N
E rsfel D
N amu R
A licant E
S ilve S

DO LOGOGRIPHO:—Agradecimento.
DO ENIGMA:—Areia.
DO PROBLEMA:—Fazendo x—y = 2d, é x = 11 + d, y = 11—d, e portanto 2662 + 66d^2 = 3718 ou d = 4: logo x = 15, y = 7.

A RIR

No Gremio:
—Não foste ver a ultima exposição de quadros?
—Eu não! Deus me livre de tal!
—Porque?
—Porque se lembraram de expôr lá o retrato de minha sogra!

*

A' meza redonda d'um hotel:
—Como é que se reconhece a edade dos cavallos?
—Toda a gente o sabe: pelos dentes.
—E pode saber-se por elles a edade dos outros animaes?
—De certo. Eu era capaz de lhe dizer, pelos dentes, a edade d'uma galinha.
—Ora essa! As galinhas não teem dentes!
—Mas tenho-os eu.

UM DOMINÓ.

O MAR

O mar ás ondas diz: ide contar
As saudades que sinto no mais fundo
Do meu seio. E por todo o grande mundo
Ellas vão essas magoas espalhar.

Ai que sentidas queixas as do Mar.
D'esse Mar tão immenso e tão profundo!
E que ternas que são! quanto as confundo
Com as minhas, meu unico pezar!

Olha Mar! se eu assim a minha dor
A' tua dor comparo, é porque penso
Na pena que a saudade sabe impor.

N'este viver saudoso, só, extenso,
E', como tu, profundo o meu amor,
O meu amor é, como tu, immenso!

Porto, 1884. AMADOR DE MORAES.

UM CONSELHO POR SEMANA

As manchas de café em panno branco tiram-se facilmente, lavando com agua e sabão o sitio manchado. Não acontece o mesmo nas fazendas de côr, sobre as quaes o effeito do sabão pode ser prejudicial, desbotando-as.

Para tirar uma nodoa de café d'aquellas fazendas, começa-se por lavar a mancha com agua quente, na qual se bateu uma gemma d'ovo. Depois passa-se o sitio manchado por agua fria.

Quando as nodoas resistem a estas lavagens, emprega-se a agua com um pouco d'espirito de vinho.

ABANDONADA

SIMPLES HISTORIA

(A Eça de Almeida)

I

Custou-lhes muito a ambos aquella separação. Mas emfim era necessario, a vida não se ganhava assim de costas direitas, sem canceiras, e o Brazil não era agora uma cousa por ahi além, d'onde nunca mais se havia de voltar. E depois, o futuro... uma logita bem posta, uma casita onde reinasse a boa alegria honesta e amante das existencias simples, e uns amores de filhinhos bem loiros e bem bonitos...

A Rosita da herdade chorou muito pelo rapaz, e nunca mais nos seus labios humidos e vermelhos de camponeza sadia, creada ao largo sol das ceifas, adejou o alegre sorriso dos dezenove annos.

Ao principio vieram cartas pelo paquete, de quinze em quinze dias, n'uma assiduidade saudosa de primeiros amores. Mas passado meio anno, embalde a Rosita esperava o carteiro á hombreira da porta, estendendo dolorosamente a vista pela estrada branca e sinuosa, por onde rebanhos empoeirados recolhiam, tilintando as suas campainhas argentinas, e carros de bois possantes chiavam monotonamente, na grande tristeza indefinida dos crepusculos.

Um dia, passados dois annos, correu vagamente nos sitios que o Daniel da loja voltava endinheirado lá do Rio, e que até já mandára comprar a casa do senhor Morgado. Arranjára-se! Quem o havia de dizer?, murmuravam ao soalheiro, elle, que ainda ha tão pouco tempo andava descalço... O que era ter cabeça!

II

Logo de manhãsinha, ao sahir da missa primeira, a Rosita, alvoroçada, o coração a palpitar d'esperança, foi para debaixo dos carvalheiros do adro da ermida, caminho de Santo André, onde, havia dois annos, dissera ao Daniel que partia para o Brazil, o ultimo adeus de despedida, e acenára longamente com o lenço, até que o carro desapparecera n'uma volta do *macadam*.

Era uma manhã formosissima.

A Primavera cantava pelos balsedos a eterna cavatina das cores e dos aromas, inebriava-se como uma bacchante com os philtros estonteadores e capitosos das auroras, lançando ás mãos cheias, pelo estendal verde dos prados, catadupas de borboletas e de rosas.

Passaros em bandadas perseguiam-se ruidosamente no ar azul e luminoso, pondo no bucolismo virgiliano da paisagem a nota sagrada e immortal da vida. Por toda a parte a luz, em ondas, despenhava-se serenamente das alturas, como um diluvio, refrangendo-se nos pequeninos armos de nuvens, n'uma symphonia deslumbrante de tons.

Vinham halitos quentes e perfumados das florescencias: insectos zumbiam, indo de corolla em corolla, e levando nos seus elytros doirados as mensagens amorosas das flores.

A Rosita, sentada no primeiro degrau da escada da ermida, rente á estrada, contemplava absorta os largos horisontes, onde collinas se arredondavam n'uma vaga tonalidade azul de velhas porcelanas Ming, ligeiramente esbatida pela distancia.

Uma invencivel melancolia apoderou-se do seu espirito: sentia-se muito triste em meio da sua enorme alegria. Como estaria mudado! Quem sabe mesmo se a esquecera... Mas não, com certeza, affirmava ella a si mesma como que querendo convencer-se, na repugnancia instinctiva das naturezas honestas por todas as covardias e por todas as baixezas.

Pobre rapariga!

De repente, ouviu-se ao largo o rodar d'uma carruagem, e em breve, no cotovello da estrada, appareceu um bello *break* inglez, que dois baios puxavam velozmente.

Rosita, como n'um sonho, viu o seu Daniel d'outr'ora, o seu primeiro e unico amor de rapariga, vestido ceremoniosamente, na grave *pose* d'um candidato a barão ou a conselheiro, ainda bonito rapaz, apesar da ligeira rotundidade que já começava, ao lado de uma respeitavel matrona, que podia até ser sua avó, vestida de cores estrepitosas, d'uma garridice pavonacea de creoula.

A carruagem passou balouçando-se sobre as esplendidas molas britannicas, sem que Daniel desviasse o olhar sequer das ondas azuladas do seu havano caro...

Rosita ficou hirta, pallida, com os dentes cerrados, e d'ahi a pouco, quando o carro desappareceu ao longe, cahiu para traz, apertando o peito que parecia querer rebentar-lhe, e murmurou n'uma convulsão de choro:

Abandonada!

Coimbra, 1885. ALBERTO OSORIO DA COSTA.

CIDADE DA HORTA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa